



AS NAÇÕES orientaes, e outras á imitação dellas, conservaram desde eras remotas e por larguissimo periodo, a pratica de lavar o hospedador os pés a seus hospedes, como uma das primeiras e essenciaes demonstrações de bom acolhimento, e de benignidade ou de affecto. — Porem depois que o Divino Redemptor no mui solemne dia da instituição da Eucharistia praticou a mesma acção para com

ABRIL 6 — 1844.

seus discipulos, sem exceptuar o traidor, ensinando-nos a quebrar o nosso orgulho, e a beneficiar até o nosso inimigo, o pediluvio ou lava-pés ficou sendo para os povos christãos um acto de humildade e caridade evangelica, revestido do character de cerimonia religiosa. — Na estampa precedente vemos a princeza Doria lavando os pés aos peregrinos, que recebia em seu palacio, do numero dos que na

2.^a SERIE — VOL. III,

semana santa afluiam a Roma para assistirem por espirito de devoção ás venerandas solemnidades deste tempo, especialmente dedicado pela Igreja á recordação dos augustos mysterios da nossa redempção. — Aquella virtuosa senhora descendia da familia do famoso André Doria, homem dos mais notaveis que a Italia produziu na idade media, e pertencia ao ramo dessa illustre stirpe que de Genova passou a estabelecer-se em Roma com o titulo e tratamento de principes. A carreira da sua vida é assignalada por obras caritativas, e de piedade christã.

A gravura é copia reduzida de um quadro do acreditado professor, David Wilkie, que falleceu em o 1.º de junho de 1841, em Gibraltar, á volta da sua viagem a Constantinopola e á Terra Santa. Nasceu na Escocia em 1785 e tal inclinação e talento para a pintura manifestou desde annos tenros, que a seu respeito vogou o seguinte dito hyperbolico: — era capaz de pintar antes de saber fallar. É numeroso o catalogo de seus quadros, e por alguns mereceu ser comparado aos mestres da eschola flamenga; trabalhou em quasi todos os ramos da arte e sobresahiu nos quadros de costumes, já serios, já segundo o gosto e estylo de Hogarth. No auge da sua fama chegou a vender paineis de sua composição e execução por 400 e 600 libras, os quaes são possuidos pelas casas mais poderosas da aristocracia britannica: existem outros nas galerias reaes, por quanto tinha sido primeiro pintor do monarcha Jorge 4.º — A sua obra-prima é o quadro dos «pensionistas de Chelsea» que pintou para o duque de Wellington em 1821, e appareceu na exposição do seguinte anno: o colorido é brando mas verdadeiro, o desenho correcto, e o todo da obra revela gosto singular e muita propriedade de acção: o duque pagou ao pintor 4:800\$000 réis. O assumpto desta pintura é um soldado veterano lendo a alguns pensionistas de Chelsea a gazeta que refere a batalha de Waterloo: a expressão das physionomias e as attitudes são excellentes, menos a cabeça e postura de uma mulher que se vê ao lado direito, que é o unico desar do painel; como Wilkie nas primeiras obras nunca desenhou pessoas do sexo feminino, talvez seja essa a razão, porque sempre fallou quando depois intentou apresenta-las.

Honra e fazenda provieram a Wilkie do desempenho da sua profissão; verdade é que sempre se esmerou no estudo da arte, como filho mimoso della. Percorreu a Italia e Alemanha, e depois a Hespanha em 1827, a França em 1828. Nestas viagens aproveitou muito, do que são provas os trabalhos que deixou, e que mostram scenas e paizes de cada uma destas regiões: acha-se porem que dera a preferencia á Hespanha e que muito prezou o estylo de Velasques, no qual compoz alguns trabalhos, que foram comprados por Jorge 4.º — É d'elle a formosa téla da defeza de Saragoça, composição grande, na qual se reconhece o retrato do defensor, o general Palafox. — Em 1840, nos fins do anno, encetou a sua jornada ao oriente, indo pela Hollanda e Rheno ao sul da Alemanha, e dahi pelo Danubio a Constantinopola, onde tirou o retrato ao sultão reinante, que o honrou com quatro audiencias. Transportou-se depois á Syria, e á Palestina, onde visitou os logares sagrados: á vinda retratou tambem em Alexandria Mehemet-Ali, bachá do Egypto. Aggravando-se na viagem a molestia que já padecia faleceu em Gibraltar como já dissemos. — Wilkie á lisura e modos francos de um escocez juntava poli-

dez no trato e excellentes qualidades do coração, que sempre o fizeram estimado.

DO OFFICIO E DIGNIDADE DE CONDESTAVEL.

Esta antiga instituição da meia idade passou, como tantas outras dignidades e officios, ligados com os tempos da cavallaria. Todos sabem que esta dignidade entrou por primeira vez em Portugal no tempo d'elrei D. Fernando, provida em D. Alvaro Pires de Castro, conde d'Arraiolos, senhor de Cada-val, irmão da rainha D. Ignez de Castro; por morte do qual a dera elrei D. João 1.º em Coimbra, apenas levantadas as côrtes que o fizeram rei, ao seu fiel amigo D. Nuno Alvares Pereira. Illustrou este grande modelo dos valentes, e dos patriotas, aquelle cargo eminente por tal arte que dizer o condestavel é nomear a pessoa. E com tudo mui pouco conhecidas são as funcções, e prerogativas annexas áquella dignidade suprema da milicia. A serie dos condestaveis portuguezes appresenta uma cadêa de homens illustres, alguns principes chegados ao throno; e tão alta, tão remontada era a dignidade que as personagens mais poderosas a disputaram, e desta disputa nasceram resultados transcendentos, desgraças lamentaveis. E ainda que não é do nosso proposito demorarmo-nos nesta narração, lembraremos somente que havendo sido provido nella na minoridade d'elrei D. Affonso 5.º seu primo D. Pedro de Portugal, filho mais velho do infante D. Pedro duque de Coimbra, lha pertendeu tirar D. Affonso duque de Bragança, presumindo sua casa fraudada desta parte principal da herança do condestavel D. Nuno, transmittida com a mão da duqueza D. Isabel filha deste. Daqui os odios, as parcialidades, as intrigas fataes que acarretaram a infelicissima catastrophe d'Alfarrobeira; a morte prematura da rainha filha do infante D. Pedro; e aquella indisposição, e má vontade entre aquella casa de Bragança e elrei D. João 2.º, que abriu a porta a imaginações desleaes, e arrastou como uma fatalidade o duque D. Fernando ao cadafalso da praça d'Evora. Mas voltemos ao assumpto.

Nossos chronistas foram demasiado laconicos na definição do condestabrado; dizem apenas que era o supremo cargo de guerra, que correspondia ao que hoje dizemos commandante em chefe do exercito. O auctor do Elucidario nem apenas tentou explica-lo, e padeceu equivocação dizendo que depois de D. Nuno Alvares Pereira continuou nos seus descendentes, o que fica desmentido no provimento que dissemos, e nos demais exemplos que poderíamos citar, entre outros os dos infantes D. João e D. Fernando. A principal funcção desta grande dignidade durou pouco tempo, porque já no reinado d'Affonso 5.º commandou este seus exercitos como rei, e o principe D. João, depois rei 2.º do seu nome, commandou igualmente sem aquelle titulo de condestavel. Os tempos da antiga milicia haviam passado, os cargos e dignidades nascidos com a epocha da cavallaria cessaram com esta. O titulo de condestavel ficou sendo titulo de honra que apenas figura em raras ceremonias da côrte; e os soberanos portuguezes tem a liberdade da escolha.

Um escriptor moderno, que attingiu com grande sagacidade o espirito do systema feudal e suas consequencias, mostrou como á imitação dos feudos que os soberanos da meia idade proviam nos seus guerreiros e servidores crearam officios varios com que

prendessem á corôa estes potentados, sempre mal dispostos a obedecer e arrogando visos de soberania em seus dominios. Com este intuito erigiram os officios palatinos e outros com differentes occupações, e d'ahi provieram os de condestavel, senescal, marechal, mordomo-mór [*chambrier*], copeiro-mór [*echanson*], armeiro-mór &c. &c. Estes grandes dignitarios assim como pouco e pouco foram ganhando a perpetuidade dos feudos trabalhavam por tornar hereditarios estes empregos; mas seus interesses oppostos aos da corôa nesta parte nem sempre foram coroados do bom successo, o que se viu entre nós no exemplo apontado do condestabrado que sahio logo fóra da successão de Nuno Alvares Pereira.

Este officio foi tomado dos inglezes, que cá vieram com o duque de Cambrix, auxiliares d'elrei D. Fernando contra Henrique 2.º de Castella; mas elle havia passado da França, levado a Inglaterra pelo duque de Normandia Guilherme o conquistador: nas instituições francezas pois havemos de procurar o seu regimento que era assim: =

1.º O condestavel terá toda a jurisdicção e supremacia em negocios de guerra.

2.º Elle será o primeiro e superior de todos os que vierem á hoste, excepto o rei se ahi estiver, ou sejam barões, condes, cavalleiros, escudeiros, ou soldadeiros de cavallo e de pé de qualquer estado que sejam, porque todos lhe devem obedecer.

3.º Os marechaes da hoste [commandantes de divisão] não podem nem devem cavalgar ou marchar, nem ordenar batalha senão debaixo das ordens do condestavel; nem tão pouco publicar buletin, ou proclamação militar respectivamente á hoste sem permissão expressa do condestavel, ou do rei.

4.º O condestavel ordena as batalhas, as partidas avançadas, os acampamentos.

5.º Quando a hoste se move d'uma para outra parte faz o *detalhe* das posições, e assigna a cada uma dellas o local que devem occupar.

6.º O condestavel toma a dianteira na hoste em todas as batalhas e avança logo apoz do mestre dos bésteiros, e é por isso mesmo o marechal [commandante] da sua batalha, isto é do corpo da vanguarda.

7.º O rei mesmo se está na hoste não deve cavalgar, nem mover-se sem sua ordem, assim como nenhum dos commandantes ou marechaes.

8.º Tem o condestavel a seu cargo o enviar mensageiros e espias e descobridores para serviço da hoste; destacar partidas, e fazer reconhecimentos que lhe parecerem convenientes. =

Já todos podem ver porque rasão durou tão pouco uma instituição semelhante. O condestavel era tudo na guerra: o soberano mesmo estava ahi sujeito a seus mandatos militares, ou ao menos testemunhava passivamente as disposições supremas de um general necessario, investido só de todo o commando. Um cargo destes era temivel perpetuado n'um homem, quanto mais n'uma familia!

E com effeito assim o exerceu o condestavel D. Nuno na presença do soberano portuguez. Elle moveu-se d'Abrantes contra o voto do rei e do conselho; — dirigiu a marcha para Porto de Mós; escolheu o acampamento d'Aljubarrota; — mandou emissarios e intimações ao rei de Castella; — tomou o commando da vanguarda, — e vencida a batalha guardou o campo. E D. João 1.º estava ahi, e obedeceu-lhe! Mas; quantos Joões 1.ºs, e quantos Nunos Alvares conta a historia!

J. da C. N. C.

OS ERMITÃES DA ILHA DE CAPREA.

Extrahimos da — Viagem a Napoles — por Mr. de La Chavanne, feita no anno de 1834, inserida na descripção das curiosidades daquelle reino em a obra intitulada *Italie pittoresque*, o artigo seguinte que nos pareceu d'interessante moralidade, alem da utilidade instructiva da narração. Mr. de La Chavanne com seu gosto fino e perspicaz achou ainda nesta famosa ilha cópia de precioso cabedal apesar de haver sido, havia poucos tempos antes, explorada pelo sabio Raoul Rochette que ahi fóra levado somente pela sua ambição archeologica em que tanto brilha hoje o digno expositor d'Homero.

Para chegar á cidade de Capri, unica povoação d'alguma importancia desta ilha, é forçoso subir por uma estreita e tortuosa vereda: sua situação metade posta no flanco da montanha é extremamente pinturesca, mas o interior é triste e mesquinho; mais parece uma velha aldêa que capital d'uma ilha d'onde sabião os destinos do mundo: nada ha ahi que recorde a magnificencia antiga de que foi theatro. Depressa nos affastámos d'aqui para grimpar ao cimo do penhasco que olha ao lado oriental da ilha: precisa-se subir por espaço d'uma larga hora um caminho horrivel, descalçado, rude, até avistar as celebres ruinas que atraem os curiosos, e que lhes são em verdade compensação de trabalhosa fadiga. Ahi jazem as reliquias do antigo palacio intitulado de Juno-Monetaria: á direita sobre o ponto culminante do rochedo, se vêem os restos da torre do Pharo, a qual devia ser gigante a julgar pelos fragmentos das construcções que existem. Suetonio diz que esta torre desabára poucos dias antes da morte de Tiberio. Causa terror contemplar o abysmo sobre que o capricho d'um tyranno quiz levantar este monumento colossal que ainda em parte parece perpetuar-se como para transmittir d'idade em idade a recordação odiosa do seu auctor. Continuando o estreito e tortuoso atalho até a ourela do precipicio se nos depára de repente a vista do mar, que o banha na sua base carcomida formando espantosa profundeza. D'ahi, como parodiando os supplicios atrozes da rocha Tarpea, é que Tiberio mandava despenhar por escravos seus as victimas infelizes de sua libidinosa bruteza: e agora miseraveis camponezas andavam despejando no golpho cestinhos de terra extrahida das excavações do palacio do monstro sem receio algum do precipicio, e de certo descuidosas do atroz ministerio antigo daquelle horrido sitio.

Eis-nos em fim no meio das immensas ruinas do palacio dos dois primeiros Cesares, que ahi residiram: era alli a *villa Jupiter* começada por Augusto, e acabada pelo seu successor. Um toro de columna ainda em pé mostra que ahi perto estava a porta d'entrada do vasto palacio: entrando no recinto, e descendo um pouco achei-me n'uma pequena sala ou camareta quadrada, soalhada de mosaico, e ainda cercada d'alguns restos de columnas. Os muros, segundo o estylo dos romanos, eram de construcção reticular, isto é compostos de tijolos compridos, e estreitos dispostos alternadamente deitados em fórma de cunha: um corredor, e escada de marmore conduzia d'ahi ao andar cimeiro. Os quartos inferiores do andar, rés do chão semilhando pequenas prisões, deviam ter sido destinados á turba de domesticos e serviçaes, e por isso os denominavam crypto-porticos. Nos quartos superiores se encontrou um baixo relevo representando

Crispina mulher de Commodo, e Lucila sua irmã: ahí observei as paredes ainda guarnecidas de estuque, e as soleiras das portas de marmore tão bem conservados como se fossem postos de pouco tempo. Entre estas diferentes camaras se aponta uma como tendo sido o quarto de Tiberio: conserva ainda inteiro solho de mosaico, e as soleiras de marmore e o estuque das paredes. Quantas reflexões despertada este logar hediondo! Era daqui, do meio das infames orgias que Tiberio traçava planos de proscripção! Daquí partiam os emissarios da morte a mondar cabeças d'escravos espalhados em toda a extensão do vasto imperio. Tremia Roma a 150 milhas de Caprea; o senado curvava a frente diante d'um decreto que ia dizimar seus membros; o proprio Sejano, este digno ministro d'um tal amo, não pôde esquivar-se ao cutello que por elle destroncára tantas victimas: sim, esse mesmo foi precipitado do rochedo, alto de 600 braças, donde tinham despenhado tanta gente.

A derradeira crista da montanha, onde antigamente se elevava a parte culminante do palacio dos dominadores do mundo, é hoje occupada por uma pequenina capella dedicada a Nossa Senhora do Socorro, e ahí contigua a estreita cella d'um pobre ermitão: uma e outra sem duvida edificadas com os materiaes dispersos do palacio, e *villa de Jupiter*. O devoto cenobita, que ahí mora, me offereceu, não o sumptuoso jantar de Tiberio, mas pão muito secco, figos, e queijo de cabra, e o celebre vinho de Capri, mui estimado dos italianos, mas que pareceu-me indigno da sua reputação. É desta sorte que a religião do Christo expia neste logar pela mais dura das solidões, e pelas longas vigílias e privações d'um devoto eremita, os voluptuosos festins e o fausto orgulhoso de um imperador romano. Em verdade que a presença deste homem naquelle logar, o unico habitador destas ruinas immensas, deste monge que mendiga envolvido no habito sagrado feito d'um pouco de burel, deste christão tão humilde no meio das recordações da corrupção e dos vicios pagãos, offerece um dos traços caracteristicos das vicissitudes humanas, e pôde servir ao mundo d'uma lição de moral. Pôde ser comtudo fossem necessarios ainda outros repetidos exemplos de virtude e de penitencia para reconciliar a humanidade com a ignominiosa tradição das abominações de Caprea.

Na parte meridional da ilha é digna da curiosidade dos viajantes uma gruta a que no paiz dão o nome de — *Matromania*: — parece ter sido uma caverna natural que a mão e trabalho do homem depois apropriou e alargou. A descoberta ahí feita de um baixo-relevo mithriatico, junta aquelle nome vulgar que disse, auctorisa a conjectura de que neste logar houvera um templo consagrado a Mithra antes do que a Cybeles, como alguns pertendem: é sabido comtudo que n'uma certa epocha o culto e mysterios destas duas divindades, importadas da Asia, se celebravam muitas vezes juntamente. Parece portanto que naquelle tempo em que a pequena ilha de Caprea era a querida habitação de Tiberio, ahí se gruparam todas as superstições da terra ao lado de todos os excessos da tyrannia. A natureza tem recobrado seus direitos n'esta gruta consagrada n'outro tempo a um culto profano: apenas sobre sua abobada natural outro ermitão pôde collocar sua pequena cella, como se não fosse possível haver logar algum usurpado pelas superstições antigas, que o christianismo não tenha procurado purificar.

N'outro ponto da ilha estão situados os celebres rochedos d'*Anna Capri*, sobre os quaes está edificada a estupenda fortaleza, proverbial na historia das fortificações. É preciso, para vê-la, subir 535 degraus talhados na rocha e desamparados de todo o apoio: aos lados, d'uma e outra parte, precipicios sem fundo. Os francezes, commandados pelo tenente general, Lamarque, a tomaram em 1808; havendo n'uma noite escalado os rochedos que pareciam inacessiveis. Empoleirados na ponta de um dos rochedos estão ainda base e tronco d'um castello gothico do tempo de Frederico Barbaruça. — Este monumento, diz Raoul Rochette, posto em frente do palacio de Tiberio, representa-nos duas civilisações todas inteiras, a antiguidade e a idade media; entre as quaes se estende um intervallo tão profundo e obscuro como o abysmo verdadeiro que as separa. —

A HISTORIA EXPLICANDO O MYSTERIO.

(Fragmento.)

Videntes autem cognoverunt de verbo, quod dictum erat illis de puero hoc.

EVANG. SEC. LUC. II. v. 17 (*).

QUARENTA seculos precederam a vinda de Jesus Christo, e quarenta dias consagrou a igreja ao jejum e á oração antes que chegue a commemoração do mysterio da Redempção! Os doze discipulos do divino mestre que errantes pelo mundo, encostados ao bordão do peregrino, armados pela fé e auxiliados pela esperanza, propagaram a santa doutrina, instituiram a pratica deste solemne jejum, do qual se encontra a origem, como diz S. Jeronymo, não só no jejum do Redemptor, mas nas palavras que disse quando lhe perguntaram porque não jejuavam os seus discipulos «... tempo virá em que elles jejuarão.» — Esse tempo chegou, e todos os annos o recordam. Mas o espirito do mal, na espantosa revolução do passado seculo, passou por sobre a terra, e nas ruinas dos templos quiz sepultar esta lembrança perpetuada ha tantos seculos, pelas santas crenças do christianismo; a cadeira da verdade foi despedaçada, o confissionario arrancado do templo por mãos saerilegas; os ministros da religião foram expulsos da casa do Senhor, e mendigaram para viver, chorando ardentes lagrimas sobre o pão da esmola; não porque sentissem a sua desgraça, mas porque previam a ruina de um povo que todo se ia sepultar no abysmo do vicio.

A palavra do incredulo e a mão do vandalo destruíram os monumentos do christianismo: mas o symbolo ficou intacto, a cruz que outrora havia triumphado da barbaridade dos indomitos filhos do norte, tambem pôde triumphar dessa espantosa destruição; e sobre as ruinas que deixou apoz si o septicismo vaidoso, e o vandalismo brutal, vieram ajoelhar ante a cruz solitaria os antigos sacerdotes do divino culto: pobres, velhos e escarnecidos cravaram no céu os olhos quasi sem vida, ergueram sobre o peito as tremulas mãos, e por entre os lividos labios murmuraram orações partidas do intimo d'alma e cortadas pelo pranto. — Estas orações eram semelhantes ao solemne orar do horto. Os mi-

(*) Quer dizer: — E vendo isto conheceram a verdade do que se lhes havia dito acerca do menino. — P.^e Pereira.

nistros da religião vendo a humanidade envolta no manto luctuoso da desgraça, por certo repetiram a Jesus Christo a oração do monte das Oliveiras: — *Si vis, transfer calicem istum a me; vérumtamen non mea voluntas, sed tua fiat.*

Se Deus enviou ao seu filho unigenito um anjo do céu para o confortar, também esses piedosos christãos esperaram por um conforto do céu. Jesus Christo suou sangue, e supplicou a seu Eterno Pai para que se fosse da sua vontade arredasse dos seus lábios o calix da amargura: porque o Verbo na paixão quiz ser homem: mas os homens rogaram a Deus para que cessassem tantos soffrimentos; porque eram fracos mortaes; porque não podiam deixar de o ser. E se um homem Deus quiz tremer ante esse calix trasbordando das amarguras da vida, que muito era que algumas almas christãs tremessem ante o calix que continha os pesares que haviam de acabar com toda a humanidade! Tremaram e choraram lagrimas de afflicção intima e profunda: Deus ouviu-os, e um anjo veio conforta-los cobrindo-os com suas azas luminosas, e mostrou-lhe a esperança que começa a desabrochar de novo perto da cruz que adoravam, e semelhante á planta que a tempestade esmaga, e da qual as flores emurchecidas sorriem á brisa fagueira que as vem animar, e ao calor suave dos primeiros raios do sol que as affaga: assim a esperança despertando de novo na alma do povo já se dirige para Deus e sorri lendo no futuro.

Só um novo milagre de Jesus, uma oração pura e santificada pelos lábios que a proferiu podia salvar o mundo da tempestade violenta que o arremocou para o escuro antro da indifferença.

A cruz começa a ser outra vez adorada, e a aureola de gloria que a cerca, brevemente encherá todo o universo. Contemplando esse symbolo de toda a christandade meditemos por algum tempo no mysterio que representa, e vejamos como esse mysterio, tão necessario á vida do homem como á salvação das almas, foi desejado por todos os povos.

Quando o homem medita alguns instantes na vida, reconhece que possui um principio, uma força que sem cessar luta com todos os instinctos do crime; ainda não houve mão que sem estremecer um instante apertasse o ferro homicida: todos os pensamentos máus ferem um elemento da nossa existencia, — esta verdade é tão evidente e tão universal que seria ociosa a pertença de a tornar mais incontestavel; mas se queremos tocar, á semilhança de S. Thomaz, as provas deste mysterio folheemos a historia, e nas paginas inspiradas do primeiro livro do mundo encontraremos mais ainda do que desejariamos encontrar. Os prophetas quando annunciam a Redempção parece que a estão descrevendo como um desses actos da infinita sabedoria e infinito amor do Altissimo, que tornaram eterna a memoria do povo de Israel: não só o sentimento intimo da consciencia e as prophcias annunciavam este mysterio, mas as palavras de amor que Deus dirigia ao seu povo, mysteriosamente o continham, e a benção promettida a Abrahão para as nações futuras da sua progenie é já um evidente symptoma do apparecimento do divino mysterio, o qual se vai percebendo ao passo que Deus repete este promettimento a Isaac e a Jacob, e aos descendentes dos doze filhos de Jacob; mas consultemos a historia profana e esqueçamos até aquellas tão inspiradas palavras de Isaias no cap. 9.º v. 6.

.....
E alem das lembranças do peccado reveladas na

tristura e no abatimento que apesar dos esforços dos sentidos soffriam os povos do antigo oriente, encontraremos na Africa vestigios dos martyrios de corpo que transformados em sacrificios representavam o desejo de remir um crime de que havia memoria, ferindo e enfraquecendo as sensações: em todos os povos existia a crença de um peccado primitivo; só a tradição variava o sentido desta crença, e entre outros povos os chins julgavam que o homem havia perdido a intelligencia; os indios choravam a sua degradação causada por um peccado primitivo, e os persas creram que o homem nasceu impuro. Finalmente não só Platão, mas também Socrates, Seneca, e outros philosophos bem alto exclamaram: — «Que as faculdades do homem haviam sido alteradas e corrompidas no primeiro homem.»

A idéa da necessidade da remissão existia tanto como a da existencia do peccado, nem podia deixar de ser assim, porque uma era a consequencia da outra, ou para melhor dizer o seu complemento. O sacrificio era o symbolo desta idéa que se manifestava derramando o sangue das victimas immoladas; mas a idéa era exclusiva, o sacrificio limitava-se a um individuo, a uma familia, e quando muito a um povo: só o sacrificio do Golgotha abrangeu o mundo inteiro e todo o seu futuro.

Quatrocentos annos mostraram que o homem não podia expiar esse peccado: a dor da expiação excedia a força do sentimento humano, e a enormidade do sacrificio estava fóra dos limites do amor dos homens: só a força e o amor de Deus sob a fórma humana poderiam affrontar um intenso soffrer; só á mente de Deus podia pertencer o pensamento desta remissão universal!

Estas provas da historia profana e do raciocinio estão registadas nos livros sagrados no modo como os patriarchas e os prophetas conservaram estas tradições, já existentes nos tempos anti-diluvianos.

O Redemptor celeste esperado em todo o oriente devia, segundo a tradição, tomar a fórma humana, e apesar da sua omnipotencia devia padecer desgraças e misérias do mundo, devia chegar a soffrer a morte.

O nascimento deste Redemptor concebido no seio de uma Virgem era tão geral que quasi todas as theogonias admittiram esta crença. — Os brachmanes diziam, que quando um Deus se encarna nasce do seio de uma virgem. Os egypcios no seu zodiaco tinham a imagem de uma virgem amamentando um filho, e Isis foi mãe e a consideraram como não deixando de ser virgem. As pinturas achadas na India appresentam o Krisma nos braços de uma mulher. Todas estas imagens tem em volta das cabeças uma aureola, e, como diz Moor parecem uma antiga imagem do Redemptor nos braços da Virgem Maria. Barrow affirma que na China a santa mãe ou sching-maou considerada como mãe da perfeita intelligencia, tem uma perfeita semilhança com a imagem da Santa Mãe do Homem-Deus. Sching-maou, segundo a crença dos chins conservou sua virgindade depois de ser mãe. Todos sabem que os indios dizem que Chakiu-Mouniou Bouddha nasceu da virgem Maha-Mai.

Quasi todos os povos do Thibet, do Japão e da China conservam crenças identicas, o que prova que seja qual for o nome que deem ao redemptor — reconhecem a necessidade da remissão e por consequencia a existencia do peccado. — O chim e o persa reverenceam a virgindade de um modo identico. Até nos barbaros se encontra esta santa

tradição, e *Muratori* nos conta que um povo do Paraguay fallava d'uma formosa mulher que sem contacto humano havia dado á luz um homem, o qual depois de haver operado maravilhosos prodigios se elevou aos ares ante um grande numero de discipulos! Envergonhai-vos ante esta singela e pura tradição dos rudes habitantes das margens do lago Zarayas, oh homens a quem deslumbrou o brilho de uma falsa civilização, e que fechais os olhos á luz purissima e serena da fé para vos cegardes ante as chammias devoradoras do incendio que depois vos abraza a alma incredula.

Se quereis ainda mais provas da divindade de Jesus-Christo, comprovada pela tradição dos diferentes povos e realisada pela sua vida e morte, ouvi o resumo do que diz a este respeito um erudito escriptor contemporaneo: e recordando-nos das sublimes paginas do Evangelho em que tão eloquente e singelamente está escripta a historia do Verbo encarnado, bem poderemos repetir as palavras do Evangelista S. Lucas: — *Videntes autem cognoverunt de verbo, quod dictum erat illis de puero hoc.*

O redemptor esperado pela Asia antiga — era uma tradição universal — que os persas exprimiam pelo seu Mithra, que se revelava na mysteriosa escripta dos hieroglyphos por uma grande nuvem, da qual estava suspensa uma creança, e segundo as observações de Cibat esta nuvem e a creança significam «o homem esperado», e como diz o sabio escriptor de que fallámos, explica bem a oração do propheta: — *Rorate cœli desuper et nubes pluant justum.*

A biblia oriental refere que no reinado de Cambyso, celebre auctor da magia, um discipulo do propheta Elias fallou da vinda de Jesus-Christo e da estrella que o devia annunciar.

O nome de um dos deuses do Egypto, segundo a opinião dos historiadores orientaes significava salvador dos homens, nome que os chaldeus haviam dado a esse mesmo deus: uma coincidência milagrosa deve ser acrescentada ao que deixámos mencionado. O filho de Isaac designava o Messias pelo nome de Siloh, e era este o nome por que a China conhecia o Deus Homem. *As Memorias ácerca dos judeus residentes na China* interpretam com bastante fundamento este nome Siloh do seguinte modo: = A 1.^a letra significa altissimo — a 2.^a senhor — a 3.^a unidade — a 4.^a humanidade. Até os godos no meio de suas muitas fabulas presentiam a existencia de um filho unigenito de Deus que havia de esmagar a cabeça da grande serpente alcançando este triumpho á custa da vida. Os habitantes do Thibet, da China, e muitos povos barbaros conservavam tradições semelhantes a esta, as quaes por falta de espaço não podemos mencionar. Eschylo na fabula de Prometheu resumiu todas as tradições existentes na Grecia ácerca de um redemptor, appresentou ao mundo o mysterioso acontecimento de um deus fazendo morrer outro deus. M. Edgar Quinet, um dos mais profundos pensadores christãos deste seculo, escreveu com muita erudição ácerca desta fabula e das suas relações com o christianismo. A vida de Jesus Christo estava toda escripta pelos prophetas quando o mysterio da Redempção começou pelo mysterio da Encarnação: mas se os inspirados de Deus viam o futuro ao passo que os raios da luz do céu lhe dissipavam as trevas, a tradição e uma incessante necessidade da alma revelava aos outros homens parte desse mesmo futuro. — Por exemplo no psalmo 21 de David encontrais a des-

cripção do supplicio do Homem Deus, — até ahí vêdes prophetisado que depois de orar a Deus antes do momento da tribulação, esse seria escarnecido, pertencendo a Deus desde o ventre de sua mãe, e que teria sêde perto da sepultura, e finalmente que os seus pés e mãos seriam traspassados.

Abri a Republica de Platão, lêde o livro II, e na descripção do justo encontrareis a imagem da vida de Jesus; o justo envolto no opprobrio e no crime é virtuoso até á morte; mas julgam-no como perverso e criminoso, e depois de escarnecido e flagelado é crucificado: estas palavras de Platão proferidas no centro da antiga Grecia parecem uma narração exacta do mysterio dos mysterios.

O complemento de tudo quanto deixámos escripto foi a Sagrada vida, paixão e morte de Jesus Christo — havendo meditado sobre as fieis narrações que nos legaram os evangelistas, examinando a historia, a qual ante o berço da pobreza e a cruz do martyrio reconhece o Redemptor do mundo, nos lembra um dos muitos periodos eloquentes de uma obra escripta por um auctor contemporaneo com cuja amizade nos honrâmos.

«Um só homem, muitos homens juntos ou separados podem enganar-se: o universo inteiro não.»

A Igreja cobrindo-se de luto e commemorando a morte do homem Deus recorda aos povos o immenso sacrificio que foi mister para os salvar — o amor infinito de Deus manifesta-se entre as tristuras da Igreja chorando a perda do seu sacrosanto fundador, como o seu infinito poder se patentea em todo o universo: as almas dos christãos depuradas pela penitencia contemplam a recordação do immenso mysterio do poder, da razão e do amor do omnipotente — e ante a solemne representação deste mysterio, o coração criminoso estremece como a terra estremeceu no momento da santa agonia, as trevas do remorso lhe cercam o pensamento; e assim como o véu do templo se rasgou quando a alma do Justo foi cercada pelas sombras da morte, o véu do engano rasga-se ante os olhos do incredulo, em quanto o homem virtuoso guiado pela fé vive na terra uma vida esclarecida por um raio da luz da eternidade.

Feliz será o mundo quando chegar a epocha em que todos os povos ajoelhados ante a cruz e abraçados como irmãos celebrem a santa commemoração do mysterio que os remiu! — *Ribeiro de Sá.*

GEOLOGIA DO GENESIS, OU OS PRIMEIROS PRINCIPIOS DELLA CONSIGNADOS NO TEXTO SAGRADO.

Os homens são mais ferteis e felizes em creações do que na explicação das cousas creadas. Ha muitos mil annos que habitam este globo terreno que vemos, que gozâmos, que pizâmos sem que podessem até agora explicar satisfactoriamente a sua formação, seguir as diversas phases porque devia necessariamente passar até appresentar sua actual configuração, assignar as causas da posição e desigualdade dos mares, dos rios, das montanhas, bem como da sua direcção e da diversidade das materias componentes dellas. Mas no meio da sua ignorancia não se esqueceram de crear um nome pomposo classico para denominarem uma cousa que lhes era pela maior parte ignota; e chamaram ás conjecturas ácerca do globo da terra sciencia, e á sciencia geologia. Este vocabulo foi desconhecido nos dictionarios até uma epocha muito remota; as primei-

ras edições do da academia franceza lhe não deram nome, nem assignaram logar; e nós achamos-lhe rasão. Como não ha sciencia sem principios inconcussos, evidentes, ou experimentados, mais prudente e rasoavel seria com effeito negar esta qualificação a hypotheses mais ou menos plausiveis, que outra cousa não ha em geologia até os nossos dias; melhor era, dizemos, deixar ficar [como fôra até-qui] esta porção do systema planetario em geral, incluída com toda sua incerteza e obscuridade no campo vastissimo da sciencia natural.

Com effeito desmesurada presumpção parece o pertenderem os homens na pequenez de sua intelligencia remontar até a origem da criação, — prescru- tar os principios constitutivos das obras de Deus, attingir ao processo das leis do universo, e acom- panhar as materias creadas nas differentes meta- morphoses que aprouve dar-lhes a sabedoria infi- nita. Aqui se poderia applicar aquella exclamação do engenhoso La Fontaine =

Tudo isso é muito incerto. Ora a sob'rana
Vontade de quem faz, e regra tudo,
Quem senão elle a sabe?
Quem lhe alcança o designio?
Pôs rotulos nas testas das estrellas
Deus, do que em véus encerra o escuro tempo?
E a que fim? Dar tarefa á idéa a quantos
Da esphera e mais do globo compoem laudas? ...
Traduc. de Franc. Man. do Nasc.

Desde a mais alta antiguidade que o engenho hu- meno se afadiga, se atormenta por descobrir o princi- pio da constituição do globo. Thales de Mileto, o primeiro dos sete sabios da Grecia, que floresceu no 7.º sec. anterior á era christã, o fundador da seita Jonica, ensinou que a agua era o principio de tudo; e não duvidava que esta, apesar de sua na- tureza homogenea, não fosse disposta a tomar todas as sortes de fórmas, tornar-se arvore, pedra, me- tal, osso, sangue, vinho &c. E com quanto nos pa- reça estranha a theoria do philosopho grego, não vai ella muito longe do systema neptunino de Buf- fon e dos demais sequazes desta eschola que re- duziram o mundo primitivo a vapores, assim como os do systema vulcanico o compozeram d'um fluido igneo.

Nós não queremos com isto inculcar inutilidade de trabalho e investigação nas obras da natureza, nem incutir desalento nas concepções da intelligen- cia; mas o dar demasiado pêso a meras utopias, admittir como principios e regras de sciencia o que deve somente circumscrever-se dentro dos limites de theorias hypotheticas, é tão pouco philosophico, quanto presumida vaidade. Parecia-nos que o sen- timento primeiro que devia nascer no homem pec- cador ao contemplar as maravilhas da natureza se- ria um recolhimento religioso, uma admiração hu- mildosa e agradecida á omnipotencia e caridosa bi- zarria do Creador de tudo, que collocou o homem, pequenino ser, no meio da vastidão e magestade das cousas creadas com assaz de intelligencia para reconhecer sua assombrosa grandeza e utilidade. Parecia-nos tambem que nossos geologos modernos professando o christianismo [e pois que carecendo de dados certos se perdem no vago de conjecturas], não deveriam passar por alto as sublimes tradições do texto sagrado, e aquellas que naturalmente del- le provieram aos philosophos pagãos, consignadas em raros escriptos. Supriremos aqui essa lacuna;

e servirão nossas hypotheses de preambulo á expo- sição que tentámos fazer da theoria brilhante d'um litterato nosso contemporaneo ácerca da geologia; ar- riscaremos dar uma succinta analyse das mesmas tradições, que sem duvida encerrarão os primeiros elementos escriptos da sciencia. Não é a primeira vez que a philosophia profana pede emprestado á sagrada.

Que é o que nos diz o primeiro dos historiado- res, Moyses, no começo do Genesis? = *Terra au- tem erat inanis et vacua et tenebræ erant super fa- ciem abyssi; et spiritus domini ferebatur super aquas:* = mas a terra era vã e vazia; quer dizer, que a feitura do mundo era sem proveito, e sem fruto, e desapostada, (*) e as trevas eram sobre a face do abysso, que é a terra, e a feitura do mundo, que era profunda, e escura, e confundida. =

Comparemos agora com esta pintura a que nos fez Ovidio, o poeta mais philosopho da antiguida- de em sós dois versos de admiravel sublimidade = *Unus erat toto naturæ vultus in orbe,* — quem dixere cahos; *rudis indigestaque moles.* = No começo dos tempos uma só face tinha a natureza quando no es- tado de cáhos; massa rude, e sem configuração al- guma.

Vê-se que o poeta havia bebido na tradição sa- grada, que outra fonte se lhe não pôde assignar; as trevas collocadas sobre a superficie do abysmo, ou antes o proprio abysmo tenebroso do texto sagra- do está copiado no cahos do poeta latino, nessa mas- sa rude e informe em que estavam reduzidos e con- fundidos os elementos da terra. Moyses foi mais ex- plicito, porque se não contentou com dar uma idéa desse cahos primitivo *tenebræ et abyssus*; mas quiz priva-lo, como realmente o estava, de toda a ser- ventia e occupação, *inanis et vacua*. Assim que o abysmo de um corresponde ao cahos do outro; o *inanis et vacua* naquelle deu logar ás qualificações do *rudis et indigesta moles* do outro: porque com effeito um abysmo tenebroso appresentando, para assim nos explicarmos, uma superficie vã e sem possibilidade de posição e fixação, *vacua*, não po- dia deixar de compôr um cahos, uma massa rude e informe. Os geologos ainda não poderam dizer afou- tamente mais do que isto sobre a massa do mundo primitivo; e outros, querendo dizer muito, não dis- seram tanto.

Aqui temos o embrião do universo, apenas sahi- do das mãos do Creador. Vejamos o processo da sua formação, sigamos o sagrado Texto nesta gran- de transformação, vamos por elle como assistir ao desembrulhamento do cáhos. Mas aqui, antes de passar-se á separação dos elementos, confundidos naquelle immenso cáhos, traz o historiador sagrado aquella profunda e mysteriosa phrase: — *et spiritus domini ferebatur super aquas.* — O antiquissimo ex- plicador e paraphraseador da Biblia, apontado na nota antecedente, a entendeu deste modo: — «E o espirito do Senhor andava sobre as aguas, quer di- zer, que a vontade de Deus andava sobela materia do mundo, assim como a vontade do mestre, que tem ante si a materia de que quer fazer a casa.» — Esta versão parece-nos felicissima; porem que vem aqui fazer a palavra *aguas*? Se o Texto dissesse que o espirito de Deus andava como pairando sobre a superficie, ou sobre a atmospheria do cáhos, do abys-

(*) Comprazemo-nos em seguir a mais antiga das tra- duções da Biblia em vulgar, preciosidade do Sec. 13, publicada na collecção dos Iuditos da livraria d'Alcobaça em 1929.

so, não haveria ahí novidade estranha; mas sobre as aguas? Que aguas serão estas, quando ainda as não havia; ou se as havia, estavam confundidas com todos os outros elementos?

Ainda aqui se nos figura devermos agradecer á tradição sagrada o apontar-nos talvez atravez d'uma locução figurativa *super aquas* o principio d'um grande descobrimento. — Quando n'outro futuro artigo appresentarmos a theoria mais plausivel da geologia sobre a constituição primitiva do globo, se achará que este se suppõe reduzido a estado de *fu-são ignea*, produzida pela atmosphera abrazadora do sol; e pois que naquelle estado se semelha a um lago, ou vasto contento fluido, parece-nos que ainda no sentido natural e positivo se podia, sem notavel impropriedade, empregar o vocabulo *aguas*. E postoque [para seguirmos a engenhosa intelligencia do traductor] ao architecto, ao mestre omnipotente e creador era tão factivel levar ávante sua obra havendo á mão os elementos, os materiaes separados, e revestidos de suas qualidades naturaes, ou fundidos e decompostos em massa fluida, comtudo ao modo commum e ordinario d'entender se figura que mais doces e mais facilmente meneaveis se tornavam os materiaes da obra, sendo reduzidos a esta segunda especie, do que conservados na primeira; da mesma forma que os metaes e a cêra se derretem para tomarem forma.

Continuemos a analyse: — *fiat firmamentum in medio aquarum, et dividat aquas ab aquis*; — e mais abaixo: — *divisit aquas, quæ erant sub firmamento, ab aquis quæ erant super firmamentum*. — Neste logar nos não serviremos da traducção do monge de Alcobaça, porque aberrou da boa physica, levado dos fracos conhecimentos do seu tempo: — *E o Senhor ordenou que se fizesse o firmamento no meio das aguas, separando umas das outras*. No que, atravez do mesmo disfarce d'uma expressão impropria ou figurada, como no versiculo acima, se póde ainda verificar outro principio ou operação geologica, abraçada por de la Place, e é: que reduzida a massa do globo áquella fluidez ignea que dissemos, por effeito dos raios do sol, quando pelo resfriamento successivo das suas moleculas se entraram de solidificar estas e de formar o nucleo da terra, ficou ainda naturalmente na superficie uma grossa e espessa camada de fluido adherente áquella nucleo, e acima deste outra camada de vapores exhalados da camada em fusão; vapores que formavam a atmosphera da terra. Ora, estes por sua figura podiam em certo modo chamar-se tambem agua, *dividat aquas*. O que se segue completa o quadro desta transformação: e adiante veremos que esta intelligencia, dada ao texto do Genesis, explica uma das hypotheses mais plausiveis da geologia. — *Vocavit que firmamentum Cælum. Congregentur aquæ quæ sub cælo sunt in locum unum, et appareat arida. Et vocavit Deus aridam terram; congregationesque aquarum appellavit maria*. — Seguidamente fez Deus o firmamento; e ao firmamento chamou céu: e reunidas as aguas que andavam debaixo do céu, isto é, misturadas no immenso turbilhão do globo, fez que apparecessem as partes *aridas*. E a estas partes *aridas* chamou *terra*, assim como áquella massa reunida das aguas chamou *mar*. — Até aqui o que diz respeito á formação primitiva do globo em grande; o mais que aponta o texto sagrado são as demais operações secundarias, a criação das hervas e das plantas, dos animaes, e por derradeiro a do homem.

Reunamos agora estes membros dispersos, e vejamos a theoria do Genesis, entendida como fica apontado, d'acôrdo com a mais plausivel de todas as theorias geologicas. — No comêço dos tempos, no principio sem principio creou Deus o céu e a terra: mas a terra era então um embrião confuso, massa indigesta e sem figura, que todavia continha em si todos os elementos do globo que habitámos n'uma mixtura e confusão espantosa; era um abysmo, um cáhos. Como é que se operou a separação, o desenvolvimento, a ordem deste vasto embrião? Operou-se, fez-se por meio das leis que ao auctor delle aprouve dar-lhe: estas leis eram simples, e magestosas, dignas do Legislador supremo; foram a *attracção*, e o *movimento*. Mas para fazer operar essas leis era preciso suppor primeiro o estado da materia: e é aqui onde se dividiram as opiniões dos philosophos: uns supposeram-a reduzida a *fluido aquoso*, outros a *fluido igneo*; os que seguiram aquella *cristalisaram* o mundo; estes *fundiram-o*. Daqui os dois systemas neptunino, e vulcanico; á testa do 1.º Buffon, á frente do 2.º o ingles Hutton. Entretanto — *agua*, e a *fu-são* tudo era fluido, e dahi a mysteriosa expressão *aguas*, tantas vezes repetida no Texto sagrado, ainda antes de haver aguas propriamente taes.

Porém esta massa fluida foi sujeita á lei assignada por Deus ao systema planetario, e por tanto tambem esta devia começar o seu gyro, o seu movimento de translação e rotação em volta do sol, e ser por este directamente influida. Aquelle *spiritus domini ferebatur*, não nos está elle como indicando na sua mesma energia onomatopaica o movimento da massa terrestre? Não está elle pintando o turbilhão, a rotação do globo no seu estado primitivo? Parece-nos ver a agitação, o arrebatamento do mundo em remoinho, e com elle o projecto e o designio do Eterno, como fazendo uma pausa antes de desenvolver a sua obra; *ferebatur spiritus*. Eis a primeira operação geologica, o movimento e rotação do globo, produzido pela lei da attracção, lei geral da natureza.

A massa do globo, assim agitada e revolvida no seu duplicado movimento de translação e rotação, começado no estado de fluidez ignea pela acção da atmosphera abrazada do sol, devia com o andar dos tempos soffrer grande transformação. As moleculas da terra, no seu afastamento alternado do sol, resfriaram-se, e congregando-se por virtude da sua mesma attracção se separaram do fluido, e separadas solidificaram-se e solidificadas, precipitaram-se no centro, e ahí formaram o nucleo da terra. O seu volume naturalmente diminuiu, porque os corpos em estado de vapor e fluidos são mais extensos e volumosos; mas na superficie ficou ainda uma camada de fluido.

A acção simultanea e constante do sol e da lua produziram um grande movimento nesta camada ainda fluida d'orienta a occidente; e pouco e pouco esta massa foi tambem depondo cada uma das suas partes componentes no logar que lhe coube segundo a propensão e natureza de cada uma dellas. Daqui resultou que as partes mais solidas formaram as montanhas; e as aguas occuparam os logares baixos e inferiores ao continente da terra. Arranjadas assim as primeiras, as grandes transformações, tudo o mais ou foram consequencias destas, ou aberrações procedidas d'outras causas, não constantes, mas accidentaes, como são os volcões, os terremotos, e alluviões. — *J. da C. N. C.*